

A PESQUISA-TRANS-FORMAÇÃO E SEU POTENCIAL ANALÍTICO E INTERVENTIVO JUNTO AOS PROCESSOS EDUCACIONAIS

Luciana de Oliveira Rocha Magalhães¹
Universidade de Taubaté

Wanda Maria Junqueira de Aguiar²
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

RESUMO

O presente artigo tem a intencionalidade de discutir a perspectiva da Pesquisa-Trans-Formação, modalidade de pesquisa que vem sendo desenvolvida por um grupo pertencente ao Programa de pós-graduação em Educação: Psicologia da Educação, o Grupo Atividade Docente e Subjetividade (GADS). Esta modalidade traz em sua significação histórica um chamamento para o agir revolucionário, tensionando a atuação crítica e transformadora que pode ser excitada na realidade pesquisada. Este artigo versa sobre um recorte analítico acerca dos encontros formativos realizados junto a uma média de quinze professores de escolas públicas da cidade de São Paulo, que se propuseram a discutir os desafios dos processos de ensino-aprendizagem durante a pandemia. O objetivo desta pesquisa foi a apreensão da dimensão subjetiva dos processos educacionais em tempos de pandemia e os seus desdobramentos. A intenção de desenvolver pesquisas e formações, decisivamente nesta perspectiva crítica marxista da qual tratamos aqui, pode ser percebida no movimento prático científico desta modalidade de pesquisa - que tem como pedra angular a crítica, a necessidade de apreensão da realidade social para além de sua aparência, que considere o movimento histórico da realidade, que mantenha a coerência teórico-metodológica na concepção dialética das interrelações teoria-prática-método-técnica-síntese, tudo isso rigorosa e explicitamente assumido desde a escolha do objeto, do objetivo, dos procedimentos e formas de análise e de interpretação. Nesse caminho orientado pela dialética pesquisar-formar-transformar, tendo por base as contribuições de Karl Marx, Lev Vigotski e Paulo Freire, refletimos neste artigo sobre o potencial do desenvolvimento de formações realizadas sob a modalidade da Pesquisa-Trans-Formação, mostrando a relevância dos processos da pesquisa na criação de importantes mediações na formação de consciência crítica e desvelamento de condições de alienação.

Palavras-chave: Formação de professores; Psicologia Sócio-histórica; Pesquisa-Trans-Formação; Pandemia.

¹ Pós-doutoranda (bolsista Projeto CAPES Edital N°12/2021 -Pandemia da COVID-19 e seus impactos na educação básica no Brasil: diagnóstico e proposições interventivas na escola) e Doutora pelo Programa de Pós-graduação em Educação: Psicologia da Educação da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Professora no Mestrado Profissional em Educação na Universidade de Taubaté (UNITAU), Taubaté, São Paulo, Brasil. Endereço para correspondência: Rua Expedicionário Ernesto Pereira, 225, Centro, Taubaté, São Paulo, CEP: 12020-330. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7677-6337> E-mail: luciana.magalhaes@unitau.br.

² Mestre e Doutora pelo Programa de Psicologia Social da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Professora titular no Programa de Pós-graduação em Educação: Psicologia da Educação da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), São Paulo, Brasil. Coordenadora do Grupo de Pesquisa Atividade Docente e Subjetividade PUC-SP e do Projeto CAPES (2022-2026) – Edital N°12/2021 -Pandemia da COVID-19 e seus impactos na educação básica no Brasil: diagnóstico e proposições interventivas na escola, membro da equipe de Psicologia Sócio-Histórica PUC-SP. Endereço para correspondência: Rua Monte Alegre, 984, Perdizes, São Paulo, São Paulo, CEP: 05014-901. ORCID: <http://orcid.org/0000-0003-0265-9354>. E-mail: iajunqueira@uol.com.br.

EDUCATIONAL PROCESSES IN TIMES OF PANDEMIC AND ITS DEVELOPMENTS: REFLECTIONS ON THE POTENTIAL OF RESEARCH-TRANSFORMATION

ABSTRACT

This article intends to discuss the perspective of Trans-Formation Research, which has been developed by a research group belonging to the Graduate Program in Education: Psychology of Education, the Teaching Activity and Subjectivity Group (GADS). This modality brings in its historical significance a call to revolutionary action, stressing the critical and transformative action that can be excited in the reality researched. This article deals with an analytical excerpt about the training meetings held with an average of fifteen teachers from public schools in the city of São Paulo, who proposed to discuss the challenges of the teaching-learning processes during the pandemic. The objective of this research was to apprehend the subjective dimension of educational processes in times of pandemic and their developments. The intention to develop research and formations, decisively in this critical Marxist perspective that we deal with here, can be perceived in the scientific praxis movement of this research modality - which has as its cornerstone criticism, the need to apprehend social reality beyond its appearance, which considers the historical movement of reality, which maintains the theoretical-methodological coherence in the dialectical conception of the interrelations theory-practice-method-technique-synthesis. All this rigorously and explicitly assumed from the choice of the object, the objective, the procedures and forms of analysis and interpretation. In this path guided by the dialectic research-form-transform, based on the contributions of Karl Marx, Lev Vigotski and Paulo Freire, we reflect in this article on the potential of teacher education development conducted under the modality of Trans-Formation Research, showing the relevance of research processes in the creation of important mediations in critical consciousness formation, unveiling alienation conditions.

Keywords: Teacher Education; Socio-historical Psychology; Trans-Formation Research; Pandemic.

PROCESOS EDUCATIVOS EN TIEMPOS DE PANDEMIA Y SUS DESARROLLOS: REFLEXIONES SOBRE EL POTENCIAL DE LA INVESTIGACIÓN-TRANSFORMACIÓN

RESUMEN

Este artículo pretende discutir la perspectiva de la modalidad de Investigación-Trans-Formación, que ha sido desarrollada por un grupo de investigación perteneciente al Programa de Posgrado en Educación: Psicología de la Educación, el Grupo de Actividad Docente y Subjetividad (GADS). Esta modalidad trae en su significado histórico un llamado a la acción revolucionaria, enfatizando la acción crítica y transformadora que puede ser excitada en la realidad investigada. Este artículo trata de un extracto analítico sobre los encuentros de capacitación realizados con un promedio de quince docentes de escuelas públicas de la ciudad de São Paulo, que propusieron discutir los desafíos de los procesos de enseñanza-aprendizaje durante la pandemia. El objetivo de esta investigación fue aprehender la dimensión subjetiva de los procesos educativos en tiempos de pandemia y sus consecuencias. La intención de desarrollar investigaciones y formaciones, decisivamente en esta perspectiva marxista crítica que aquí tratamos, puede percibirse en el movimiento de la praxis científica desta modalidad de investigación, que tiene como piedra angular la crítica a la necesidad de aprehender la realidad social más allá de su apariencia, que considera el movimiento histórico de la realidad, que mantiene la coherencia teórico-metodológica en la concepción dialéctica de las interrelaciones teoría-práctica-método-técnica-síntesis, Todo ello asumido rigurosa y explícitamente desde la elección del objeto, el objetivo, los procedimientos y las formas de análisis e interpretación. En este camino guiado por la dialéctica investigación-forma-transformación, basada en las contribuciones de Karl Marx, Lev Vigotski y Paulo Freire, reflexionamos en este artículo sobre el potencial del desarrollo de formaciones realizadas bajo la modalidad de Investigación-Trans-Formación, mostrando la relevancia de los procesos de investigación en la creación de mediaciones importantes en la formación de la conciencia crítica y el develamiento de las condiciones de alienación.

Palabras clave: Formación del profesorado; Psicología Socio-histórica; Investigación-Trans-Formación; Pandemia.

INTRODUÇÃO

Sob orientação do referencial teórico-metodológico da Psicologia Sócio-histórica, que tem fundamentalmente como base o Materialismo Histórico-dialético e a Pedagogia Histórico-crítica, as pesquisas desenvolvidas pelo GADS (Grupo Atividade Docente e Subjetividade) nas escolas têm como objetivo central a prospecção de informações e produção de conhecimento simultânea e imbricadamente à intencionalidade de operacionalizar processos formativos na perspectiva da transformação social, ou seja, a pretensão dos pesquisadores do GADS é desenvolver e provocar, a um só tempo, o terno dialético pesquisar-formar-transformar junto aos educadores e educadoras participantes.

Provocar, aqui, é mais do que instigar, atizar, desafiar. A provocação, como princípio didático-pedagógico e teórico-metodológico da Pesquisa-Trans-Formação, traz em sua significação histórica o ato de evocar, um chamamento para o agir revolucionário em um movimento congruente ao pró-evocar.

A intenção de desenvolver pesquisas e formações, decisivamente nesta perspectiva crítica marxista da qual tratamos aqui, pode ser percebida nos trabalhos que se iniciaram junto ao Programa de Psicologia Social da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) há décadas, desde os estudos de Sílvia Lane nos anos 1980, se intensificando nesta direção a partir de 2009. Essa trilha teórico-metodológica levou à constituição, em 2013, do GADS, Grupo Atividade Docente e Subjetividade, grupo coordenado pela Prof. Dra. Wanda M.J. de Aguiar e formado por pesquisadoras e pesquisadores consoantes com este pensamento. Desde então, o GADS vem se dedicando ao estudo e à prática desta forma de fazer pesquisa – ao movimento prático científico da pesquisa - que tem como pedra angular a crítica, a necessidade de apreensão da realidade social para além de sua aparência. No caminho de uma pesquisa que considere o movimento histórico da realidade, nos pautamos em duas conhecidas Teses de Marx sobre Feuerbach (Marx; Engels, 1845/1979): a que enfatiza a relevância de buscarmos processos de transformação e não apenas de interpretação do mundo (Tese XI) e, nesse movimento de transformação das circunstâncias da realidade,

também o educador deve ser educado (Tese III). Por esse fio condutor anda nossa pesquisa, tencionando manter a coerência teórico-metodológica na concepção dialética das interrelações teoria-prática-método-técnica-síntese, tudo isso rigorosa e explicitamente assumido desde a escolha do objeto, do objetivo, dos procedimentos e formas de análise e de interpretação.

Nesse caminho, dentre as muitas realizações dos últimos anos, destaca-se a experiência de participarmos e coordenarmos dois projetos PROCAD/CAPES (Projeto de Cooperação Acadêmica da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), sendo o último finalizado no final de 2020. Esse projeto, intitulado “Tecendo Redes de Colaboração”, realizado em parceria com a Universidade Federal do Piauí - UFPI, a Universidade Federal de Alagoas - UFAL e a Universidade Estadual do Rio Grande do Norte - UERN, se mostrou extremamente prolífico, trazendo novos questionamentos éticos e teórico-metodológicos, acordantes com os princípios e perspectivas perseguidos. Com efeito, foi um período em que os diálogos, as trocas, as leituras se mostraram essenciais para nosso avanço.

Nessa medida, essa experiência se constituiu em enriquecedor caminho para o desenvolvimento de uma forma de pesquisa por nós denominada Pesquisa-Trans-Formação, uma modalidade de pesquisa crítica, na perspectiva marxista autogestionária, que carrega consigo a intencionalidade de obter informações e produzir conhecimento e, necessariamente em um mesmo processo, promover atividades que tensionem o grupo de educadoras e educadores em direção à crítica da realidade na perspectiva da transformação social, na perspectiva da emancipação humana. Assim, cada um dos polos – pesquisa crítica e formação transformadora - não perde sua especificidade, e, em interrelação dialética, constituem-se mutuamente no espaço teórico-prático da totalidade.

UM PROJETO EM PROCESSO DE CONSTITUIÇÃO E RESSIGNIFICAÇÕES

O projeto por nós denominado “A dimensão subjetiva dos processos educacionais em tempos de pandemia e seus desdobramentos: análise de um grupo de educadoras(es) participantes de uma Pesquisa-Trans-Formação” aprofunda a agnição

da importância da categoria Dimensão Subjetiva da Realidade no processo educacional: como incontornável instrumento de prospecção e análise, possibilita ampliar a visibilidade às particularidades que caracterizam tal processo e, ao mesmo tempo, revela a realidade da sociedade em curso e suas diversificadas expressões no espaço escolar específico.

Importante enfatizar que a categoria dimensão subjetiva permite a superação da dicotomia, no sentido de que a separação entre objetividade e subjetividade é substituída por uma visão da relação dialética existente entre os dois âmbitos de uma totalidade e o sujeito visto como de natureza social e histórica, superando-se por completo, visões naturalizadoras e a-históricas do sujeito (Bock; Furtado, 2020, p. 17).

Ao nos referirmos à necessidade de criarmos zonas de inteligibilidade sobre as particularidades, intencionamos focar, em nossas análises, uma “dimensão constituída por elementos de natureza simbólicos ou psicológicos [...] que se encontram ancorados na subjetividade” (Bock; Aguiar, 2016, pag. 49). Assim, podemos afirmar que a dimensão subjetiva expressa a participação dos sujeitos na construção da realidade social, o que nos permite defender a não dicotomia entre estas duas dimensões.

Nesse sendeiro de ressignificações da práxis da pesquisa, a proposta de Pesquisa-Trans-Formação forma-se na articulação entre os processos de produção da formação e a constituição das mediações engendradas na perspectiva da transformação social. Assim sendo, o que sustenta a importância deste projeto de pesquisa é a consideração de que a postura pedagógica e política, fundante de todo ato educacional, deve ser mediada pelo conhecimento científico lastreado pelo compromisso social em prol da criação das condições necessárias para que transformações sociais radicais aconteçam e se reproduzam no interior mesmo da sociedade burguesa capitalista, no interior mesmo da escola pública e da universidade: emancipação política na perspectiva da emancipação humana.

As significações produzidas nos grupos não só expressam o modo como a realidade social, com todas suas contradições, os afetam e constituem, mas como estes sujeitos, a partir de sua ação criativa, são essenciais na construção da realidade social. Assim, a dicotomia objetividade- subjetividade está superada, nos permitindo o

movimento analítico de apreensão dos elementos subjetivos presentes na realidade social, ou seja, as significações. Deste modo, criamos as condições de inteligibilidade de processos e fenômenos sociais, sem perder a singularidade das significações, mas focando sua dialética articulação como elemento síntese que configura o fenômeno em questão. Mas, não podemos esquecer de que não intencionamos só conhecer a realidade, buscamos sua transformação.

Temos nos aproximado de autores importantes para esta empreitada: Vigotski, que já nos acompanha metodologicamente desde o início, e vem nos surpreendendo com novas traduções e novas análises feitas por estudiosos e, também, Paulo Freire, referência em muitas de nossas pesquisas, e que tem sido reavivado nas formações realizadas pelo grupo.

Afinal, para alçar a crítica a princípio metodológico – como nos traz Mészáros (2010) – para não descansarmos em descrições superficiais e, sim, nos lançarmos à filosofia da práxis, buscamos a “outra face da lua” com Vigotski (1934/2001), para, com Freire (1988), denunciar as adversidades da realidade - indo além da aparência, anunciando possibilidades, muitas delas no escopo político do imediato, outras tantas no horizonte desenhado pela utopia concreta socialmente transformadora! A atualidade de Freire e Vigotski, incontornáveis sob suas perspectivas autogestionárias – marxista e luxemburguista – é percebida, altissonante, em cada movimento da Pesquisa-Trans-Formação em ação.

POSSIBILIDADES DE TRANS-FORMAÇÃO

Reconhecendo a realidade, com a situação de pandemia surgida no início de 2020, nossas atividades *in loco* junto aos educadores e educadoras na escola onde realizávamos nossa pesquisa foram interrompidas. Com as novas necessidades surgidas, replanejamos nossas atividades produzindo novos objetivos e formas de alcançá-los. Sendo assim, nosso objetivo com esta pesquisa foi a apreensão da dimensão subjetiva dos processos educacionais em tempos de pandemia e os seus desdobramentos, num movimento de pesquisa que acontece em meio a um processo colaborativo e crítico, em que são constituídas estratégias didático-pedagógicas no campo metodológico que

vieram a instigar o desenvolvimento de processos reflexivo-críticos na perspectiva da transformação. Tal intento se realizou por meio da organização de encontros (online) de reflexão/discussão sobre temas eleitos pelo coletivo, coordenados por membros do grupo de pesquisa GADS, alunos de mestrado, doutorado e egressos do doutorado. Nossa intencionalidade com esta proposta foi de, a partir do conhecimento científico, criar condições de implementação de processos formativos críticos e consistentes teórica e metodologicamente.

Dessa forma, durante o segundo semestre de 2020 e o primeiro de 2021, foram realizadas reuniões quinzenais com duas horas de duração, nas noites de segunda-feira. Com o objetivo de aumentar a participação e engajamento de cada membro participante ao coletivo, desde o início deixamos todos bem confortáveis quanto à participação, quanto aos horários (pois sabemos das intempéries cotidianas escolares, principalmente em tempos de pandemia). A apropriação prévia de alguns conteúdos sugeridos também não era cobrada de maneira individualizada e com inflexibilidades, de forma que a própria discussão no encontro era engendrada para que todos se apropriassem do conteúdo dos textos. Com isso, não nos retiramos do compromisso e rigorosidade metodológica e metódica, como nos ensina Paulo Freire (1996/2000, p. 28), ao contrário, criamos coletivamente estratégias encorajadoras à participação, com um ambiente mais propício à criatividade e à crítica dialética.

Assim, sob a ótica desse prisma, a assimetria de conhecimentos e funções nos encontros formativos da pesquisa eram encarados como benefícios, diferentes características que ressurtiam eram usadas em favor do aprofundamento das discussões. A formação acadêmica considerada superior na “hierarquia de saberes”, nesta pesquisa é considerada como um saber diferente, importante, mas não superior nem inferior aos saberes práticos, experienciais e acadêmicos dos educadores e educadoras participantes. A quebra deste paradigma hierárquico tem de ser um renhido exercício diuturno, que se perfaz como uma técnica importante da Pesquisa-Transformação.

Manter um clima de continuada intenção de participação requer uma necessária reflexão quanto ao meu papel como pesquisadora numa Pesquisa-Trans-

Formação. A realização das formações obedece ao tenuous equilíbrio entre os objetivos da pesquisa e os objetivos que vão se estabelecendo entre o grupo (Magalhães, 2021, p. 329).

Mas quem são, de fato, essas pessoas, esses educadores e essas educadoras? E por que tinham interesse em participar desta pesquisa, desta formação, desta pesquisa-formação na perspectiva da transformação? O que, aliás, entendiam por isso? Convidados a participar, vieram das escolas onde alguns dos pesquisadores/as atuavam; interessados em discutir assuntos gerais e do dia a dia da educação atravessados pelos impactos da pandemia. Infelizmente, alguns poucos participantes foram engolidos pelas atribuições escolares. Houve um caso de evasão que declarou desinteresse pelos assuntos tratados, declarando que “em minha escola não temos esses problemas”. Assim, mantivemos um grupo de, em média, quinze a vinte participantes, que oscilava, se alternava: os participantes entendiam que sua presença, mesmo que não constante fazia diferença em sua formação e nos possíveis desdobramentos que poderiam beneficiar a sua escola. Antes uma participação intermitente, mas interessada, do que nenhuma participação.

Os assuntos discutidos nas reuniões, ora versavam sobre temas de caráter geral da educação, da saúde, da gestão pública, situação do Brasil, do mundo, do capitalismo ultraneoliberal que, nesses meses, apertava mais e mais seus grilhões por toda parte do globo, ora versava sobre temas do momento: cotidiano e cotidianidade das escolas, vacinação, governo federal, novas cepas, desemprego, fome. Entre uma reunião e outra, por vezes, instigávamos o grupo a ler ou se inteirar de alguma questão específica, sendo que, em algumas oportunidades, eles próprios tomavam a iniciativa de fazer propostas de temas e/ou textos. Era uma forma de conduzir, ainda que brandamente, os debates, rumo às contradições mais agudas presentes na conjuntura e estrutura político-econômica-sociais que nos serviram de substrato para as reflexões críticas mais profundas na esteira das transformações sociais. “Dar essa abertura ao diálogo dialético não acontece ‘naturalmente’: a provocação é constante, com perguntas, convocações para trazerem exemplos” (Magalhães, 2021, p. 344-345).

Esta é uma das muitas e variadas estratégias críticas que a Pesquisa-Trans-Formação se utiliza no movimento da pesquisa crítica marxista. Essas estratégias na

perspectiva da transformação social profunda são elaboradas e operacionalizadas na práxis trans-formativa considerando a materialidade encontrada na realidade concreta para que, então, no curso das discussões, sejam construídas reflexões coletivas produtoras de conhecimento e reveladoras de informações que até aquele momento estavam embotadas. As estratégias crítico-marxistas provocam o coletivo e cada um de seus membros – pró-evocam – confrontando-os com as dimensões estruturais, conjunturais e da cotidianidade e cotidiano escolar, estas últimas sempre destacadas como importantes substratos da realidade concreta.

A Pesquisa-Trans-Formação desenvolveu esta metodologia crítica marxista com o propósito de consolidar uma práxis científica objetivando que todos os envolvidos – acadêmicos, docentes, coparticipantes, etc. - alcancem uma compreensão da importância do papel de cada um na práxis revolucionária e militante, criando possibilidades para pavimentar o caminho da alienação e da conscientização de classe em si rumo à conscientização crítica para si. Processos de reflexão crítica provocativos, ativos, empolgantes, que vão além do ordinário, do passivo, do condescendente face à realidade, mas são tomados pela necessidade de conhecê-la para transformá-la. A pesquisa e a formação docente passam a ser instrumento e resultado, entelhando dialeticamente teoria-prática-método-técnica-análise (Magalhães; Aguiar, 2021).

A realidade deve ser desvelada criticamente nesse processo de pesquisa e de formação na perspectiva da transformação, subsidiando permanentemente as ações. Não há espaços para idealismos: as contradições que movimentam a totalidade, que produzem as mediações ressurtidas de múltiplas determinações, brotam, dialeticamente, historicamente da materialidade. Os pesquisadores, aqui, assumem com rigorosidade científica um importante papel, um papel assimétrico diante do grupo: cuidar para que a dimensão revolucionária da pesquisa crítica marxista não sucumba, ainda que parcialmente, nas armadilhas da cotidianidade, da disciplina, do processo burocrático – armadilhas essas tão presentes nas formações docentes, transformando o crítico em ingênuo, o resistente em resiliente, o criativo em meritocrático, a perspectiva revolucionária em visões reformistas alienantes e eivadas de ideologia. Essa necessária assimetria de papéis não tira a também necessária horizontalidade

antiautoritária que o coletivo trans-formador deve prezar. Essa postura autogestionária democrática deve ser mantida em todas as instâncias, inclusive na coletivização da própria elaboração das estratégias.

A discussão sobre forma e conteúdo era uma constante, sempre em busca de diferentes estratégias didático-pedagógicas para subsidiar os encontros. Relatos das vivências escolares dos participantes cumpriam o papel de estudos de caso, quando eram colocados em pauta muitos nós educacionais. Quando um nó afligia um de nós, um outro de nós, outros de nós acorriam numa práxis edificante. Exposições de conteúdos, slides, discussão sobre textos eram utilizados sempre agregados à intencionalidade de trazer à tona a tensão dialética da temática desejada. A intencionalidade perene nesta modalidade de pesquisa e pano de fundo de cada uma das inúmeras estratégias é a materialização da contradição da práxis educativa: a necessária crítica às zonas de conforto em que nos deixamos ficar, muitas vezes sem perceber... Daí a intencionalidade da provocação crítica, que no movimento da pesquisa vai se superando de muitas formas, extrapolando a própria evocação inicial e se desdobrando em compromissos sociais.

SITUAÇÃO ESTRUTURAL E CONJUNTURAL DA SOCIEDADE FACE À PANDEMIA

Os interesses que permeiam o setor educacional só podem ser compreendidos se enxergados como pertencentes à mesma esteira dos interesses de classe que fazem parte constituinte da sociedade burguesa formada pelo modo capitalista de produção, da classe burocrática que lhe dá suporte e do Estado, seu títere, que tem como principal missão garantir o status quo, a manutenção das relações de exploração e mais: desenvolvendo mecanismos para agudizar a expropriação da classe trabalhadora pela classe capitalista. Na contemporaneidade, este quadro de desigualdade em países fora do centro econômico-financeiro-militar do mundo é trágico e a pandemia provocada pelo vírus SARS-CoV-2, acabou por reforçar mais ainda esta situação. No Brasil, a grave crise socioeconômica e política que já experimentávamos desde 2013, mas mais aprofundada a partir de 2016 resultou no agravamento da situação de existência de dezenas de milhões de brasileiros. Na educação foi exigido de seus trabalhadores,

notadamente dos professores e professoras, dedicação e criatividade acima do possível, do suportável, para lidar diariamente com o inesperado ou com problemas que costumavam ser, até então, efêmeros. Este foi o caso da educação onde vivemos, além das contradições já experienciadas nas últimas décadas, situações cada vez mais acirradas com a pandemia.

Assim, com a pandemia se alastrando e tornando o Brasil e o mundo uma experiência existencial totalmente diferente do convencional, muitos dos problemas que já tínhamos se agravaram sobremaneira

[...] na esteira das crises que se universalizaram historicamente sob o capitalismo: um deles é a precarização do trabalho do professor, sua exploração até os limites do inaceitável, a retirada da autonomia docente, o desrespeito escancarado advindo de várias instâncias governamentais e de parcelas específicas da sociedade, confusa pela miríade de falsas consciências que circulam naqueles espaços comunicacionais eivados de ideologia (Magalhães; Aguiar, 2021, p. 235).

Fundamental destacar que isso não foi uma especificidade do setor privado que, pela sua gênese, transforma em mercadoria contabilizável todo o espectro da atividade educacional – estudantes, docentes, materiais didáticos, etc., inclusive a própria educação – mas esse processo também ocorreu nas instituições públicas, nas mídias e nos mais diferentes segmentos da sociedade civil.

O professor, além de todas as dificuldades para exercer da melhor maneira possível, nas condições dadas, seu papel no processo de ensino-aprendizagem, ainda sofreu e sofre atualmente pressões materiais e psicológicas de toda ordem: como resultado disso, um número muito grande de docentes passou a ter problemas emocionais, de moderados a graves, nesse período (Magalhães; Aguiar, 2021, pp. 235,236).

Seres humanos fazem a sua história, mas não a fazem como querem, não a fazem à sua escolha, mas sob as condições sociais e históricas com que se defrontam, como nos ensinava Marx (1848-1852/2011); Paulo Freire falava da importância de reconhecermo-nos condicionados pelas mediações que a vida nos impõe, que “a construção de minha presença no mundo, [...] não se faz no isolamento, isenta da influência das forças sociais, [...] não se compreende fora da tensão entre o que herdo geneticamente e o que herdo social, cultural e historicamente...” (Freire, 1996/2000, p. 59); Nóvoa alerta que “uma das mais importantes fontes de stress é o sentimento de

que não se dominam as situações e os contextos de intervenção profissional” (1995, p. 26), ou seja, a impotência em relação ao fazer, ao mudar, não deve ser vista como preponderante, mas está sempre presente, como importante determinação.

Como resultado dessa situação, Melo, Braga e Viana dizem que

[...] as consequências desse processo para o trabalhador são as mais nefastas possíveis. As chamadas doenças ocupacionais são apenas a face mais visível desse processo. Há uma forte expansão das doenças ocupacionais, mas além destas ocorrem dois fenômenos correlatos [...]: o desequilíbrio psíquico e as doenças psicossomáticas (Melo, Braga, Viana, 2011, s/p).

No Brasil e no mundo, não foram poucos os casos conhecidos de professores e professoras que adoeceram de muitas formas diferentes e graves. E se estes foram muitos, sabemos agora que os casos não divulgados e não externados foram muito mais numerosos e não foram repercutidos de forma honestamente merecida. Falamos de profissionais da educação que mobilizaram todas as forças e recursos (públicos e pessoais) para que seus alunos não sucumbissem ao período pandêmico (que, a partir de certo momento, não se sabia quando e se acabaria!), contando com pouca ou nenhuma contribuição institucional e da sociedade imediata. Profissionais que, ao contrário, foram culpabilizados pelo descaso governamental, boicotados em suas iniciativas, invisibilizados em seus esforços, tratados como estroinados ao tempo em que, conscienciosamente, se doavam muito além do que poderiam. Essa excelsa resistência teve um custo indesejável: a saúde física e, notadamente, a saúde mental das professoras e dos professores. Nessa toada aguda, a ciência já desvelou que o estresse ocupacional docente

[...] pode ser conceituado como um processo no decorrer do qual as exigências de trabalho são percebidas como variáveis estressoras, gerando situações que transpõem repertório de enfrentamento do indivíduo resultando em inúmeras implicações negativas (Weber et al, 2015, p. 41).

Para a compreensão dessa conjuntura, um dos aspectos que sempre deve ser destacado é o fato de conviverem lado a lado na escola segmentos progressistas e revolucionários, de um lado, e segmentos conservadores e ultraconservadores de outro. Esta convivência, em períodos de normalidade costuma ser pacífica em prol da

mínima harmonia necessária aos processos de ensino-aprendizagem e de gestão escolar, mas na agudeza sociocultural ressurtida no período de pandemia muitas vezes os ânimos se acirraram. É fato que a educação, a escola e a prática docente convivem simultânea e contraditoriamente com a missão de reprodutoras do pensamento dominante, e, também, com a ação crítico-criativa para a mudança.

Ao mesmo tempo que educam para que a roda do capitalismo continue a girar da forma mais eficientemente possível para que se cumpram os seus desígnios, educam também para a construção de conscientizações em relação à realidade, em relação à contradição capital-trabalho, em relação à luta de classes (Magalhães; Aguiar, 2021, p. 237).

Cenários como esses destacados nesta sessão são sempre apresentados aos participantes das pesquisas críticas, segundo as questões de interesse, tratando tal e qual assunto de acordo com a realidade em que a pesquisa se propõe investigar. Panorama sempre trazido aos encontros da Pesquisa-Trans-Formação deste projeto para que as discussões, por mais que tratassem de temas específicos, por vezes singulares, tivessem um substrato de apoio estrutural e conjuntural ancorado na realidade.

REFLETINDO ACERCA DOS ENCONTROS

Após quinze encontros realizados foi possível fazer um apanhado histórico temático sobre os assuntos que mais repercutiram nos debates no período estudado. Aqui, destacaremos, em síntese, as principais discussões. Muitos foram os formatos temáticos dos encontros: houve assuntos que foram tratados quase todos os dias; houve casos em que, em um mesmo dia, vários assuntos foram abordados superficialmente, às pinceladas; outros dias praticamente apenas um tema foi tratado com mais profundidade. Dessa forma, optamos por expor o material resultante dos debates por assunto, dentro do que nos pareceu uma lógica mais coerente, fazendo um imbricamento do conteúdo das diferentes falas.

Uma questão sempre recorrente foi a de vivermos neste momento sob um capitalismo em crise, com conotação evidente de dependência e subordinação aos países centrais e ao mercado financeiro internacional. Nesse cenário, uma educação que

nunca atingiu um nível de qualidade satisfatória, agora mal consegue atingir as metas mais pífias. Governos, partidos, empresas, todos conhecem o problema central – a falta de investimento nos professores, em tecnologia básica e em uma infraestrutura mínima para acolher decentemente estudantes e funcionários. Contudo, não têm interesse em investir em educação, pois esse tipo de investimento não dá o retorno que eles desejam: disciplina, votos e lucro, respectivamente.

Era muito forte entre os comentários do grupo as críticas a retóricas vazias, narrativas culpabilizantes de governos passados, de congresso ineficiente, do mercado mundial e suas crises, etc. Os detentores do poder, proprietários dos meios de produção, na verdade desejam manter tudo como está: uma mão de obra desqualificada, mas barata e obediente, que conhece pouco ou nada de seus direitos, que pode ser explorada e oprimida com facilidade. Sob o ponto de vista deles estão corretíssimos: a classe dominante formada por aqueles que detém o capital financeiro e/ou industrial, os políticos que ocupam os partidos constituintes da democracia burguesa e os governantes de plantão, estão cada vez mais ricos, enquanto a miserabilização da população cresce a olhos vistos. Uma alfabetização básica, precária da grande massa popular, principalmente a preta, pobre e periférica, parece ser o suficiente.

Os ataques e/ou desprezo e/ou invisibilização por parte de um governo anterior de extrema direita direcionado às escolas, aos professores, às universidades, às entidades culturais e artísticas, à ciência e sua produção nacional foram a comprovação de que governavam exclusivamente para satisfazer as orientações das classes dominantes e os seus próprios interesses por meio de uma malha de corrupção. Até o acesso à educação pública e gratuita foi um alvo constantemente atacado. Foi defendida, neste período, uma educação mercantilizada favorecendo seus compadres privatistas, bem como a exacerbação de um projeto explícito rumo à “nenhuma educação”, com a efetivação de mecanismos desestimuladores da inclusão educacional, tais como o fim das merendas, nenhum investimento em tecnologias, depósito de estudantes com deficiência em escolas especializadas, fechamento de escolas. Soma-se

a isso o fato das escolas e universidades terem, em certa medida, comungado desta ideologia dominante excludente.

Com a pandemia, todos esses problemas se amplificaram, todo esse cenário de desmonte, de precarização, de desrespeito atingiu níveis extremos. Por qualquer ângulo que se olhe o abismo entre ricos e pobres aumentou enormemente em pouco tempo: bilionários se multiplicando, acumulando mais e mais, enquanto uma massa de dezenas de milhões atingiram a miséria mais extrema, a classe média ficando desempregada ou precarizada, a educação se esboroando com alta evasão escolar, ensino precário presencial e principalmente à distância, bolsas para pesquisa sendo cortadas, escolas e sua infraestrutura sem condições de receber os alunos com segurança sanitária adequada, especialmente pelo fato de não estarem vacinados.

Soluções paliativas como o ensino remoto abrem a porteira para propostas de ensino domiciliar e formas que mesclam o ensino presencial e à distância: formas ainda muito controversas, que necessitam de muita discussão. Uma reflexão frequente circulava entre o grupo nesse período: considerando a materialidade de um país com um nível de miserabilização como o Brasil, como serão criadas as condições necessárias para que a população mais empobrecida possa usufruir desta metodologia?

Com o fato dos índices de contaminação e mortes pela pandemia estarem em queda, mesmo com pessoas morrendo todos os dias, as enfermarias e UTIs mantendo-se sempre próximas da lotação, as equipes de saúde diminuídas pelas contaminações, óbitos e sequelas da COVID, mas, pelo fato dos índices de contaminação e mortes pela pandemia estarem em queda, os empresários da educação e as mídias que os apoiam, e os governos municipais, estaduais e federal, que atendem quase sempre seus interesses, faziam campanha para a volta às aulas, com todo o risco que isso significava para as crianças ainda não vacinadas e a maioria sem ter condições de se proteger por si só.

Na época em que ocorreram esses encontros, esse era o cenário constitutivo das falas e sentimentos dos educadores: em toda discussão os relatos sobre greves e de resistência às imposições dos governantes atravessava as temáticas, também a absurda pressão pela volta às aulas frente à precarização da estrutura física sanitária e de

convívio não adaptada a uma situação de pandemia. Os educadores participantes do grupo tinham a clareza das profundas contradições a serem enfrentadas, inclusive da impossibilidade de superação de muitas delas, mas também reconheciam, e isto foi reforçado no grupo, a crítica radical e transformadora como algo a ser colocado como meta das suas práticas e como Devir.

O que fazer diante de tudo isso? Hoje, passados estes apuros da pandemia, no presente, podemos afirmar que temos o olhar do futuro para o que se passou. Podemos reafirmar com mais afinco que devemos continuar a luta histórica que educadores e educadoras promovem há mais de século, com muitas conquistas.

Essa questão teve presença constante e, especialmente nos encontros finais, tomou força e formatos revolucionários, originais, radicais na apreensão da gênese das dificuldades vividas na escola. Trata-se de lutar denunciando interesses espúrios de uma minoria hegemônica, de tentar conscientizar a população sobre quem realmente são essas pessoas que determinam essa parte de nossas vidas, de mostrar que há saídas, mas incontornavelmente a partir da participação de todos, inclusive utilizando a escola como espaço de reivindicações.

Aos capitalistas e aos governos que os atendem, não interessa essa educação de qualidade que queremos, mas temos que lutar, resistindo, impondo que nossas necessidades básicas sejam atendidas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como ensina Rosa Luxemburgo (1898/1970, pp. 96-97), o mundo em que vivemos está capitalista. E está capitalista em todos os seus meandros – governos, instituições, sociedade. Não há como lutar por uma sociedade mais justa fora do capitalismo. A luta tem que ser por dentro. Dentro dos espaços que nos são possibilitados lutar. Mas são espaços burgueses? Sim, são, porque a sociedade existente a partir do modo de produção capitalista é uma sociedade burguesa, que traz a episteme burguesa em sua gênese. Mas é aí mesmo, justamente nesse espaço estruturado e gerido pelo liberalismo (atualmente neoliberalismo e ultraneoliberalismo) onde devemos construir autogestionariamente a necessidade de pessoas se auto-organizarem politicamente

para lutar por conscientização e conquista de direitos sociais para a busca por emancipação na dimensão política da luta.

Contudo, essas formações e essas conquistas não podem ser consideradas um fim em si mesmas, pois seria apenas reformismo (ou oportunismo) e só serviria para reforçar os alçózes, o liberalismo, a ideologia burguesa, os mecanismos criados pelo capitalismo para manter tudo como está enraizando ainda mais na sociedade esse modo de produção explorador e opressor. Para que a luta política não seja reformista ou oportunista ela tem que acontecer sob um nível de conscientização tal que qualquer conquista na perspectiva da emancipação política seja entendida como um passo para a conquista da emancipação humana, para a criação das condições necessárias para que transformações sociais profundas ocorram corroendo as bases da atual sociedade e criando as estruturas que irão organizar a nova sociedade, uma sociedade autogestionária.

Vigotski (1929/2010) nos embasa com importantes princípios metodológicos, aos quais recorreremos a todo momento em nossa pesquisa: apreender a realidade para além da aparência, analisar os fenômenos em seu processo, em seu movimento. Nossos esforços analíticos estão em andamento e as significações com que temos nos deparado nos apontam para a necessidade da continuidade de pesquisas críticas que contribuam na perspectiva da transformação, atentando-nos, como nos alerta ainda Vigotski, às armadilhas de comportamentos fossilizados.

Nessa medida, nós, educadores e educadoras, temos que seguir nos formando na perspectiva autogestionária para que nos tornemos cada vez mais potentes e auto-organizados, conscientes da classe a qual pertencemos, quem são nossos iguais, quem são nossos antagonistas sociais. Todos os educadores progressistas e/ou revolucionários, intelectualmente honestos, acreditam que a educação é, sim, um caminho fundamental para que nos fortaleçamos socioculturalmente e possamos conquistar transformações sociais profundas. E a escola, como ensina Paulo Freire em toda sua obra, mesmo sendo uma instituição aparelhada ideologicamente pela classe dominante, tem em sua gênese a classe subalternizada que deve se organizar para lutar

por sua própria emancipação, uma emancipação que ultrapasse os limites do político, uma emancipação humana.

REFERÊNCIAS

BOCK, Ana. M. B.; FURTADO, Odair. Dimensão subjetiva: uma categoria potente em vários campos da Psicologia. In: BOCK, Ana. M. B.; GONÇALVES, Maria da Graça M.; ROSA, Elisa Z. (Orgs.) **Dimensão subjetiva: uma proposta para uma leitura crítica em psicologia**. São Paulo, Cortez, 2020.

BOCK, Ana. M. B.; AGUIAR, Wanda. M. J. A dimensão subjetiva: um recurso teórico para a Psicologia da Educação. In: AGUIAR, W. M. J; BOCK, A. M. B.(Orgs.) **A dimensão subjetiva do processo educacional**. São Paulo, Cortez, 2016.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo, PAZ E TERRA, 1996/2000.

FREIRE, Paulo. Educação: o sonho possível. In: BRANDÃO, Carlos. R. (Org.) **O Educador vida e morte**. Rio de Janeiro, Graal, 1988.

LUXEMBURGO, Rosa. **Reforma, revisionismo e oportunismo**. Rio de Janeiro, Laemmert, 1970.

MAGALHÃES, Luciana O. R.; AGUIAR, Wanda M. J. Desafios impostos pela pandemia à saúde docente. In: BUSSOLOTI, Juliana M.; CALIL, Ana Maria G. C.; SOUZA, Carmem Lúcia C. (Orgs.). **Práticas educativas na pandemia: relato de experiências de alunos-professores do MPE**. Taubaté, EdUnitau, 2021.

MAGALHÃES, Luciana de O. R. **A Dimensão Subjetiva dos processos de inclusão escolar no movimento da Pesquisa-Trans-Formação**. Tese (Doutorado em Educação: Psicologia da Educação). São Paulo, PUCSP, 2021.

MARX, Karl. **O dezoito de Brumário de Luís Bonaparte**. São Paulo, Boitempo, 1848-1852/2011.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã**. São Paulo, Livraria Editora Ciências Humanas, 1845/1979.

MELO, André; BRAGA, Lisandro; VIANA, Nildo. Trabalho e Mais-Violência: Do desequilíbrio psíquico às doenças psicossomáticas. **Crítica Desapiedada**. 11/fev./2021. Disponível em: < <https://criticadesapiedada.com.br/2021/02/11/trabalho-e-maisviolencia-do-desequilibrio-psiquico-as-doencas-psicossomaticas> > Acesso em 08/10/2021.

MÉSZÁROS, István. **Poder da ideologia**. São Paulo, Boitempo, 2010.

NÓVOA, Antonio. Formação de professores e profissão docente. In. NÓVOA, A. (Org.) **Os professores e a sua formação**. Portugal, Publicações Dom Quixote, 1995.

VIGOTSKI, Lev S. **A construção do pensamento e da linguagem**. São Paulo, Martins Fontes, 1934/2001.

VIGOTSKI, Lev S. Problemas de método. In: **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. São Paulo, Martins Fontes, 1929/2010. cap. 5.

WEBER, L. N. D. et al. (2015). O estresse no trabalho do professor. **Imagens da Educação**, v. 5, n. 3, pp. 40-52.

HISTÓRICO

Submetido: 15 de Set. de 2023.

Aprovado: 03 de Jan. de 2024.

Publicado: 15 de Jan. de 2024.

COMO CITAR O ARTIGO - ABNT:

MAGALHÃES, L. O. R.; AGUIAR, W. M. J. A interferência da pedagogia dos multiletramentos na BNCC de língua portuguesa do ensino fundamental. **Revista Linguagem, Educação e Sociedade - LES**, v. 28, n.56, 2024, eISSN: 2526-8449.